

Produção textual transformadora: uma proposta...

Eduardo Jablonski¹

RESUMO

Neste ensaio, estuda-se um novo jeito de ministrar aulas de produção textual, chamada aqui de Produção Textual Transformadora. Para colher dados a este novo método de trabalho, entrevistou-se um professor de ensino fundamental em uma escola municipal de uma cidade do interior do estado e também se revisou teoria do que é educação transformadora. Foi verificada a formação do referido docente, bem como desenvolveu sua forma de atuar e seus critérios de avaliação. Também se relataram as dificuldades que este enfrentou para trabalhar.

Palavras-chave: Educação Transformadora. Produção Textual. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

In this essay we study a new way to teach writing, that we call Transforming Writing. To get information to this new technic, we talked to a elementary teacher from a school in a small city of South of Brazil, and we also read the theory about transforming education in essays and books. We informed teacher's back ground, how he developed his new way of work, his criteria of evaluation, and his difficulties to work.

Keywords: Transforming Education. Writing. Portuguese Language.

1 INTRODUÇÃO

Neste ensaio, discorre-se, por meio da teoria da educação transformadora, sobre uma das possibilidades de ministrar aula de língua portuguesa para o ensino

¹ Mestre em Letras pela UFRGS, concursado pelo Estado do RS e pela Prefeitura de Santo Antônio da Patrulha. Estrada Municipal Teobaldo Luiz Machado, 75, Santo Antônio da Patrulha/RS, CEP 95.500-000. Fone: (051) 995782395, e-mail: evjj1969@gmail.com

fundamental público na rede municipal de uma cidade do interior do estado gaúcho. Levanta-se a hipótese de que, em vez do que afirma o senso comum, o idioma de Camões não é tão difícil quanto parece e, mesmo crianças de 11, 12 e 13 anos, se trabalhadas com um método adequado, podem aprender as regras mais importantes da disciplina quanto à produção textual, que vai ser relevante para todas as situações da existência. O presente texto realizou-se como um estudo de caso de um professor de língua portuguesa. Também se pesquisaram artigos sobre educação transformadora e fizeram-se conexões entre essa teoria e a forma como o novo método de produção textual contribui para a ascensão social de pessoas de classe mais baixa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ferreira afirma que “a educação transformadora parte de uma perspectiva dialética do autor, na condição de docente efetivo em sua prática profissional, mas também de discente permanente na construção desta prática.” (2017, p. 1) O docente entrevistado também crê nessa perspectiva, tanto que nunca parou de estudar, fez uma licenciatura em Letras pelo Unilasalle e Filosofia pela Ufpel, mas também concluiu cinco especializações: Ética e Inglês no Unilasalle e Gestão Financeira e Docência de Ensino Superior e Profissional pelas Faculdades QI e Ensino de Filosofia pela Ufpel, além de mestrado em Literatura Brasileira pela UFRGS. O verdadeiro professor é um eterno estudante.

Falando a respeito das dificuldades vislumbradas pela educação transformadora, Ferreira alerta que a vida profissional enfrenta um embate constante para permanecer no barco e mantê-lo flutuando (2017, p. 3). É por essa razão que alguns educadores defendem em sala de aula que a escola tem condições de salvar a vida das pessoas. Quem estuda pode obter uma formação que terá condições de lhe proporcionar rendimentos maiores do que o salário mínimo. E, ao contrário do que diz o senso comum, dinheiro contribui para a *eudaimonia*, ou seja, para a felicidade, pois, como disse Bauman (2000), o mundo hoje se baseia no consumismo, e a maioria das pessoas sentem-se felizes se podem gastar, embora esse tipo de comportamento não seja o mais adequado.

Gusmão (2017, p. 2) comenta que “haveria um entendimento da realidade social em que o estudante vive e, dessa forma, seria um instrumento para a transformação da realidade social”. No seu entender, “o professor seria o principal sujeito que faz a mediação entre uma determinada realidade dada e o entendimento desta realidade”. A graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina define essa educação como transformadora, mas acrescenta que tal procedimento favorece da mesma forma o jovem de classe mais favorecida e o da menos. Nesse ponto, há possibilidades de discordância. O jovem que teve um ensino médio qualificado em escolas privadas, em geral, se for um bom estudante, terá condições de ingressar nas universidades públicas, reconhecidas como as melhores do país. Os alunos obrigados a estudar em ensino público desqualificado terão mais dificuldades de acompanhar o ensino numa faculdade privada e enfrentarão obstáculos para conseguir vaga numa federal. O mundo do ensino não dá chances iguais a todos.

Gusmão diz que “a educação é sempre pensada como forma de emancipação do ser humano” (2017, p. 8). Talvez esse fosse o caso da educação transformadora e dialógica, promovida por um Paulo Freire, que desejava organizar a discussão para que as pessoas tivessem condições de ter consciência da sua realidade, a fim de que pudessem debater alternativas para sobrepujá-la. Mas a educação em geral, principalmente a que hoje chamamos de escola sem ideologia, não tem o poder de emancipar o ser humano. Mais que isso, a educação mantém o *status quo* e justifica o domínio da classe dominante e a docilidade da classe operária.

Como afirma Pinto (1962), os intelectuais, os professores, os sacerdotes atuam “a soldo” da elite dominante, trabalhando no sentido de que as pessoas acreditem como naturais as condições dadas, com o filho de famílias de posses preparado para assumir posições de liderança, enquanto o filho do trabalhador estuda para substituir o pai em uma fábrica. Portanto, a educação, nem mesmo a supostamente “transformadora”, reverteria esse papel, a não ser que o professor se posicione em termos políticos, como desejava Paulo Freire, e trabalhe a favor do aluno que não tem condições. Dessa forma, o educador iria contra a escola sem

ideologia e sem partido dos dias atuais, embora isso seja uma falácia, mas não há espaço para tratar do assunto aqui.

No entender de Paulo Freire, a educação transformadora promove o diálogo e é revolucionária: “A transitividade crítica por outro lado, a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas.” (1967, p. 60)

Freire entende que é através do processo de significação sobre o real e conseqüentemente de “libertação” construído pelos próprios sujeitos, que se dá a aprendizagem. Esse processo resulta de um embate coletivo realizado pelos educandos “em comunhão”. Logo, a ideia de interação entre os sujeitos que estudam também é assumida por Freire (1967) com o intuito de que estes mesmos indivíduos tornem-se autônomos e críticos para transcender o contexto no qual estão imersos. (1967, p. 19).

“Naquelas condições referidas se encontram as raízes das nossas tão comuns soluções paternalistas. Lá, também, o “mutismo” brasileiro. As sociedades a que se nega o diálogo — comunicação” (FREIRE, 1967, p. 76) Paulo Freire acredita que o diálogo poderia transformar o estudante, a partir de uma relação saudável de troca. A educação transformadora não pode acontecer senão nessa perspectiva.

Por meio do diálogo, o educador descobre o porquê de o aluno ficar inerte e não fazer as atividades durante as aulas. O professor também teria condições de ajudá-lo se soubesse o que lhe agrada. Por exemplo, na situação do referido professor, um dos seus alunos se mostrou interessado em ser docente de Química e lhe perguntou as possibilidades de remuneração. O educador expôs no quadro o que ganham os professores municipais, estaduais, da iniciativa privada, de faculdades e do Instituto Federal para trabalhar 20 horas por semana (os do IT, no entanto, só atuam 40h). Em outra oportunidade, quando precisou dar aula particular a um aluno, ele mostrou interesse de ser auxiliar de enfermagem. Assim o professor acessou a internet e viu onde e quanto custaria um curso do gênero na região. Também se mostrou a grade curricular, para ver se lhe agradava. Afinal, como ensinou Paulo Freire, o professor deve ser mais do que apenas um educador, precisa se interessar pelo educando e tentar ajudá-lo no que tiver condições.

Paulo Freire fala da “inexperiência democrática” do Brasil (1967. p. 81), que, à primeira vista, pode parecer algo irrelevante, mas não é. Quando as pessoas lidam com partidos de direita e extrema direita no poder, como é o caso de inúmeras cidades do interior do RS, essa maneira de gerir, isto é, com autoritarismo, não respeitando a opinião do outro, não promovendo o diálogo, termina repassada a todas as circunstâncias. E tal atitude dificultará a implantação de uma educação transformadora. “Nutrindo-nos de experiências verticalmente antidemocráticas, em que se formavam e robusteciam sempre mais as nossas disposições mentais também e forçosamente antidemocráticas”. (FREIRE, 1967, p. 83)

3 ESTUDO DE CASO DE UM PROFESSOR DE PORTUGUÊS

“Esta foi, na verdade, a constante de toda a nossa vida colonial. Sempre o homem esmagado pelo poder.” (FREIRE, 1967, p. 81) O professor ora estudado teve alguns problemas para colocar em prática o seu método. Na primeira escola municipal em que foi lotado, teve dificuldades com a indisciplina dos alunos e precisou usar a força para manter o controle das turmas. A diretora, vendo tudo aquilo, se mostrou a favor dos alunos e deixou o docente desamparado. Então este escreveu um longo e-mail questionando cada atitude dela, que se mostrou ofendida e fez péssima avaliação dele para a Secretaria de Educação do município. Em decorrência do fato, o professor pediu para se transferir a uma escola cujo alunado se mostrava carinhoso e receptivo. Os estudantes gostaram do rapaz, tanto que todas as suas turmas o queriam como regente nos quatro anos em que atuou.

Aos poucos, o educador começou a tomar algumas atitudes, entre as quais fazer músicas com os alunos, escrita por eles e cantadas nas apresentações da escola e num evento municipal. Uma das letras também terminou publicada numa antologia poética. Ainda organizou gincanas de língua portuguesa, atividades com vídeos, com documentários, pesquisas na internet, debates. Também inventou uma brincadeira de competição gramatical e distribuiu medalha aos vencedores por turma: sempre que algo positivo acontecia com ele, traria uma caixa de bombons para comemorar entre os alunos, que adoraram a iniciativa. Mas aí entra a frase de

Paulo Freire: “Sempre o homem esmagado pelo poder”. A diretora lhe chamou para uma conversa e lhe proibiu muitas coisas: a) disse-lhe que seu linguajar era muito sofisticado para os estudantes de ensino fundamental; b) proibiu-lhe de dizer algumas palavras, como “droga”, que ela o teria ouvido proferir; c) proibiu-lhe de trazer chocolates aos alunos; d) proibiu-lhe de fazer provas com consulta (o professor não fez mais, apesar de os outros docentes ainda continuarem com tal procedimento e, mesmo assim, as notas dos alunos melhoraram); e) disse-lhe que ele mostrava ter muito conhecimento, mas não sabia passá-lo, o que muito impressionou o docente, visto que os estudantes estavam mostrando qualidade nos textos; f) a diretora também disse não ter gostado do livro publicado pelo professor e doado à biblioteca, porque este continha a palavra “prostituta”, motivo pelo qual o docente retirou todas as obras escritas por ele e repassadas ao colégio; f) para culminar, a diretora disse que ele tinha problemas de relacionamento, apesar de ele não ter tido problemas com os alunos; pelo contrário, os discentes o amavam, e de não ter encontrado dificuldades com os colegas. Mas, dez meses depois de ter sido transferido para a nova escola, o professor duvidou se uma aluna havia ou não copiado um texto da internet, porque ele não achava que tinha conseguido fazer os seus alunos chegarem a um nível tão elevado de qualidade de texto. E o professor também disse, numa conversa com um pai, que os alunos estavam ficando tão qualificados em gramática voltada ao texto, que teriam condições de escrever até melhor que os professores, porque, como ele enfatizou, até estes erravam. Duas professoras da escola se ofenderam e relataram à diretora que o docente havia dito que as professoras daquela escola cometiam erros de gramática, mas ele não havia feito isso. Enfim, a avaliação do docente, nesta nova escola, foi péssima, apesar do trabalho exposto acima e dos resultados. No estado, onde ele também é nomeado, suas avaliações sempre foram excelentes em todos os aspectos e nos 18 anos como professor de faculdade terminou eleito como o melhor da instituição várias vezes, ou como paraninfo ou como professor homenageado mais de 10 vezes. Mas nas avaliações de duas diretoras de escolas municipais – que parecem amigas – suas avaliações foram péssimas. “Assim vivemos todo o nosso período de vida

colonial. Pressionados sempre. Quase sempre proibidos de crescer. Proibidos de falar.” (FREIRE, 1967, p. 82)

Outro problema que o referido professor enfrentou foi a coordenadora pedagógica. Ela queria que o professor reprovasse o máximo possível, mas também desejava que os alunos aprendessem. A profissional não se deu conta do paradoxo da situação: se os alunos aprendem, acabam obtendo bons resultados; se registram boas notas, terminam passando. A chefe desejava reprovação, porque, no seu entender, professor bom é o que reprova. O educador levou quase duas décadas para desenvolver um método matemático para avaliar seus alunos, pois não dava nota subjetiva numa produção textual. Logo, os critérios eram bem claros, todos sabiam. Alcançado o parâmetro, a nota seria a melhor, obrigatoriamente.

O professor de língua portuguesa trabalhava com 78 adolescentes divididos entre um 6º ano, dois 7º e um 8º. Antes de explicar o seu método, é necessário falar da experiência profissional dele, porque também será utilizada na pesquisa, usando alguns detalhes para contribuir com as reflexões.

O professor está na área de correção de textos há 30 anos. De 1990 a 2001, não atuou professor de língua portuguesa, mas como editor de um grande jornal diário da Grande Porto Alegre. Todos os dias, disciplinadamente, estudava um capítulo de gramática, e fez isso por 11 anos, visto que, como precisava corrigir o texto de jornalistas profissionais, tinha a obrigação conhecer as regras para sanar dúvidas.

De março de 2000 a agosto de 2020, no entanto, ele mudou de profissão e passou a ministrar aulas em faculdades privadas e na rede pública. Para tanto, especializou-se, tendo feito oito cursos universitários, sendo duas licenciaturas, cinco especializações e mestrado (como exposto antes). Por essa época, como professor de língua portuguesa, corrigia textos de alunos, de professores que lhe pediam para revisar dissertações de mestrado e de escritores profissionais. Ao todo, segundo suas contas, deve ter visto umas 50 obras de escritores e 12 dissertações. Os números foram arredondados para simplificar, além de milhares de redações de alunos. O docente constatou que os educadores, mesmo os de Letras, registram perto de 10 erros por página (ou de pontuação, ou de acentuação, ou de

concordância nominal ou verbal, ou de crase, ou de ortografia etc.), enquanto os escritores apresentavam perto de 30 erros num livro inteiro, mesmo aqueles que não têm estudo, o que prova que os escritores se dedicam mais ao conhecimento da língua do que os docentes.

Durante esse processo de 20 anos como professor, o referido educador terminou, sem querer, inventando um método que passou a registrar resultados que superaram as expectativas dele próprio. Tudo aconteceu por instinto, sem planejamento. Como ele acredita que só se aprende a escrever praticando, como defendia Comênius (2017), sempre que havia um fato novo, solicitava aos alunos umas 20 linhas. O tamanho era apenas para ser homogêneo, para que todos fizessem a mesma coisa.

Também por acaso, inventou os critérios de avaliação. Em todos os anos ministrando aulas no ensino superior, o referido docente não havia pensado num método próximo da matemática. Mas numa de suas especializações, Gestão Financeira, aprendeu que os gestores transformam qualquer coisa em número. Depois de refletir anos em como transformar a correção de uma produção textual em registros exatos, apareceu-lhe a ideia. Jorge Luis Borges (1964) afirmava que elas surgem de repente, como se uma entidade superior presenteasse o autor.

A fórmula é a seguinte: cada erro é contabilizado, pode ser de pontuação, de acentuação, de crase, de concordância verbal ou nominal etc. Se o aluno tiver de zero a 10 equívocos numa redação de 20 linhas, ganhará A, pois a escola onde trabalha lida com três conceitos: A (entre 80% e 100% de aproveitamento), AP (entre 60% e 80%) e NA (abaixo de 60%). De 11 a 20 erros, o estudante receberá AP; acima de 21 erros, NA.

Por esse critério, os professores de faculdade sempre ganhariam A, pois, a cada página, contabilizavam em torno de 10 problemas. Com os alunos, no início do ano, quase todos recebiam NA, pois o volume de erros superava os 21. No final do terceiro trimestre, no entanto, os registros se modificaram e, no segundo ano com as mesmas turmas, o professor alcançou o impressionante resultado de um AP e 20 A na sua melhor turma.

Como já foi dito, sempre que havia um fato novo, por exemplo, Páscoa, carnaval, férias de meio do ano, incêndio perto da escola, dia de calor insuportável, dia de muito frio, dia de enchente, Dia da Consciência Negra, Dia de Finados, Natal etc., o professor solicitava uma redação. Portanto, eles escreviam bastante, quase um texto por semana. O professor revisava na sua residência e trazia ou na aula seguinte ou uma semana depois para explicar no quadro onde os alunos haviam cometido um deslize. A princípio, começou explicando os erros, mas percebeu que nem todos prestavam atenção. Assim, para desafiá-los, executou um método diferente: passou a escrever no quadro como os alunos haviam feito, ou seja, com os erros deles, mas sem citar nome, para não ofendê-los. Cabia aos estudantes dizer quais eram as falhas. Dessa forma, eles prestavam mais atenção às explicações e participavam, como se fosse um desafio. Interessante é que muitos dos que haviam feito determinado equívoco davam sugestões de como refazê-lo. Isso prova que, ao escrever, talvez tenham apenas se descuidado, porque sabiam o correto. Outro detalhe é que os alunos passaram a ter mais cuidado ao escrever, visto que os critérios de avaliação eram explícitos.

No terceiro trimestre, os números foram os seguintes: no 6º ano, dos 24 alunos, 14 terminaram com A, ou seja, 58% da turma, a mesma nota dos professores universitários; 8 ficaram com AP, e somente 2 continuaram com NA, sendo que um deles é aluno de inclusão com seis laudos. É importante enfatizar que o professor é tido, entre os seus alunos e os professores universitários e escritores que pedem as suas revisões, como rigoroso que não deixa “passar nada”. Não é bem a verdade, porque, sempre que ele revisa os seus próprios livros, ainda que várias vezes, alguns erros não são constatados.

Os números dos dois 7º anos são os seguintes: dos 35 alunos, 22 terminaram com A, ou seja, 54% das duas turmas; 7, com AP, 6 não fizeram e 1 com NA. Mais uma vez, um pouco mais da metade da turma (63%) obteve a mesma nota dos professores universitários, mas aumentou um pouco o número de estudantes que não conseguiram registrar bom desempenho, até porque não fizeram. O professor pensa que isso se deve a dois fatores: a) Alguns alunos têm comportamento inerte, não fazem absolutamente nada, ficam parados o tempo todo e não obedecem às

solicitações docentes; b) conforme a teoria de Gardner a respeito das inteligências múltiplas, as pessoas são seres únicos, e nem todos aprendem da mesma forma, porém o educador não tem grandes opções, uma vez que ministra aula para turma de 20 ou 30 alunos e tem de usar o mesmo método para todos ao mesmo tempo. Além disso, Paulo Freire (1967) e Philip Perrenoud (1999) diziam que o docente precisa conhecer o alunado para ter condições de oferecer aulas específicas a cada necessidade, mas esta não é a situação do professor brasileiro. O docente não conhece os gostos e as aptidões de todos, apenas de alguns, e, assim, não tem condições de ajudá-los separadamente. Mesmo que soubesse o jeito de cada um, encontraria barreiras para oferecer aulas exclusivas a cada aluno. Para terminar, os números do 8º ano foram os seguintes: dos 18 discentes, 10, ou seja, 55%, obtiveram A, enquanto 1 obteve AP, e os demais 6 não fizeram.

Outra etapa do processo foi a invenção de uma competição gramatical que proporcionou medalhas aos vencedores de cada turma. As regras desse campeonato eram as seguintes: o professor escrevia uma frase com os erros cometidos pelos alunos e pedia para eles identificarem quantos havia. Se alguém acertasse, ganharia 1 ponto e começaria a dizer quais erros existiam na frase. A cada acerto, receberia mais um ponto. Às vezes, o professor dava dois pontos se o erro fosse mais sofisticado. Se o estudante errasse, o que tirou segundo lugar na etapa inicial do jogo, ou seja, na adivinhação da quantidade de erros, responderia. O educador fazia várias rodadas, até acabar com todos os erros de todas as redações. O primeiro colocado entre os meninos e a primeira entre as meninas ganhavam um chocalinho pela vitória, além de um ponto na competição. O importante desse campeonato é que foi desenvolvido no final do ano, e os alunos, que geralmente não se importam com as aulas nesse período, continuaram dedicados.

4 CONCLUSÃO

Concluindo, o método de Produção textual transformador inventado pelo docente auxiliaria os alunos de escolas públicas no sentido de que tivessem condições de competir de igual para igual com estudantes de escolas privadas e mesmo com professores universitários. O simples exercício de produzir bastante,

numa enorme quantidade de situações, quase uma redação por semana, e o desafio da competição gramatical ofereceu-lhes condições para que melhorassem a qualidade na produção de textos.

Isso é importante e promove a transformação social, uma vez que todos os tipos de concursos (ou a maioria), Enem e vestibular exigem a redação e a qualidade gramatical. Se uma pessoa de classe social mais baixa consegue melhor nota na produção de texto em uma ou mais dessas competições, poderá obter uma vaga no serviço público, numa faculdade privada através do ProUni ou numa federal, que também é gratuita. Assim, com trabalho e com ensino superior garantidos, se verá em ascensão social. Isso seria uma educação transformadora.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BORGES, Jorge Luis. **Discusión**. Buenos Aires: Emecé, 1964.

COMÊNIO. **Didacta Magna**. Disponível em: ebooksdobrasil.com. Acesso em: 27 de novembro de 2017.

FERREIRA, João Vicente Radich. **Educação Transformadora: caminhos e descaminhos**. Disponível em: <http://teresianasstj.com/index.php/metodologias/comuni-que-aprendem/107-educacao-transformadora>. Acesso em: 27 nov.2017.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARDNER, Howard. **Estructuras de la mente, la teoría de las inteligencias múltiples**. Nova Iorque: Basic Books, 2001.

GUSMÃO, Franceline Priscila. O ele entre a educação transformadora e reprodutora: perspectivas numa análise de educação escolar. Disponível em: <http://www.uel.br/grupoestudo/gaes/pages/arquivos/FRANCELINE%20GT%2004%20%20artigo.pdf>. Acesso em: 27 nov.2017.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PINTO, Álvaro Viera. **Por que os ricos fazem greve**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.